

REFLEXÃO E RELATO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Narriman Medrade Machado¹
PPG/UEMS
Jose Barreto dos Santos
PPG/UEMS

Resumo: Este artigo traz um relato de experiência acerca dos desafios encontrados por uma professora de Língua Portuguesa em formação, durante o desenvolvimento de um projeto “Reforço Escolar”, em uma escola periférica estadual, quais os desafios e perspectivas para consolidação do Ensino da Língua Portuguesa neste município? A ação foi ocorrida no terceiro semestre do curso de Letras Português Espanhol e suas respectivas Literaturas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Envolveu estudos sobre o autor Celso Ferrarezi Junior e seu livro “Sintaxe para educação básica”, e suas contribuições para o trabalho pedagógico docente, no ensino da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: leitura e escrita; português; projeto; língua portuguesa; desafios.

Abstract: This article presents an experiential account of the challenges faced by a Portuguese language teacher in training during the development of a "School Reinforcement" project at a peripheral state school. What are the challenges and prospects for consolidating Portuguese language education in this municipality? The initiative took place in the third semester of the Portuguese-Spanish Language and Literature program at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS). It involved studying the works of Celso Ferrarezi Junior, particularly his book "Syntax for Basic Education," and examining its contributions to pedagogical practices in Portuguese language teaching.

Keywords: reading and writing; Portuguese; project; Portuguese language; challenges.

Introdução

O presente artigo apresenta reflexões e relatos de uma pesquisa sobre as diversas superações no ensino da educação básica, mostrando a importância que a Língua Portuguesa tem, pois, através de seu domínio é que o aluno aprenderá. Como Loritz (1999) afirma ‘o homem tem que viver sempre se adaptando a um mundo de 'palavras', portanto, trata-se aqui de verificar como se deu a experiência pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

Na pedagogia que se inicia a Língua Portuguesa na vida do indivíduo, seja de forma tradicional ou atividades que promovam o lúdico, isso dependerá do ambiente em que o docente está inserido. Dessa forma, será analisado junto ao corpo pedagógico, o plano de ensino desse educador e as condições do ambiente sala de aula. Segundo o

professor Romário Oliveira, formado em Letras Vernáculas com especialização em Linguística e ensino- aprendizagem de Língua Portuguesa falando sobre a lotação na sala de aula na rede pública “No momento da aula, a superlotação gera preocupação de como será chegar ao aluno o conhecimento de forma acessível, é notório que atualmente dentro das salas de aula a superlotação é um fator onde acontece a não percepção da dificuldade do aluno, pois o professor não tem como avaliar caso a caso em sua amplitude.”.

A inserção do português no cotidiano, que já não é uma tarefa fácil, se torna cada vez mais árdua. Esta é a realidade encontrada na maioria das escolas públicas periféricas do país. Tal componente curricular tratado possui muitas regras, há vários métodos de ensino o que também pode dificultar o entendimento por parte do aluno. Um fato importante a ser ressaltado é que, segundo Bueno (2012), em outros países lusófonos, como Portugal e Moçambique, as dificuldades com a Língua Portuguesa também acontecem, mas adaptadas às respectivas realidades. Essas questões foram discutidas no 14º Congresso de Língua Portuguesa, evento que contou com o copatrocínio do SINPRO-SP, que aconteceu no final de abril de 2012, na PUC/SP. Diversos outros temas foram debatidos nesse congresso. Nesse sentido, este trabalho visa ampliar essas reflexões e através dessas intervenções pedagógicas se fazer notório o saber do português em sala de aula.

Organização do Saber e ambiente Escolar

Foi observado que na ocasião onde os alunos passam para os anos finais do Ensino Fundamental, eles fazem essa migração com muitas dificuldades e os professores muitas vezes não conseguem saná-las, pois precisam lidar com salas de aula superlotadas e os novos conteúdos programados. No 6º Ano, já se inicia o estudo da sintaxe em si, segundo Ferrarezi (2012), são a organização das palavras e construção das frases. Nesse sentido, a sintaxe não abrange mais os sons das palavras, nem os seus “pedacinhos”, e os sentidos que elas têm. Ainda de acordo com o autor, o aluno que ingressa no 6º ano, geralmente, precisaria já ter visto este conteúdo nos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo ele, às vezes precisa-se recorrer a esses elementos para explicarmos fatos da sintaxe da língua, pois podem estar relacionados vários conceitos (FERRAREZI, 2012 p.43):

A partir do 6º ano, elas começarão a ver questões gramaticais, mas nunca esquecendo que continuarão praticando e estudando as quatro habilidades básicas da comunicação, sempre de forma cada vez mais aprofundada. Além disso, é importante lembrar que esses estudos deverão sempre ser feitos de maneira prática, inseridos nos textos orais e escritos, mostrando-se as questões da variação entre as diferentes formas de falar que ocorrerem na classe e a diferença entre a fala e a escrita.

FIORIN (2012), acredita que todo ensino da Língua Portuguesa deva se estender ao aluno e não podemos nos restringir a uma gramática de descrições que se esgotam. Devemos, segundo ele, encontrar uma maneira de ensinar e ampliar sempre.

O método tradicional de ensino, ainda presente em alguns contextos escolares, muitas vezes se apoia em técnicas como a de “decorar” conteúdo, privilegiando a memorização e fazendo com que o aluno faça diversas formas de caligrafia. No Projeto “Reforço Escolar” podemos observar a importância das práticas socioculturais da leitura e a apropriação da língua escrita enquanto forma de comunicação, consideramos que também é uma realidade, que só a partir da descoberta do princípio alfabético e das convenções ortográficas formamos um leitor e escritor independente.

Com essa proposta pedagógica, podemos oferecer um suporte de desenvolvimento desses dois aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita das turmas do 6º e 8º ano, utilizando esse tempo de maneira equilibrada e individualizada entre atividades que estimulem esses dois componentes: a língua e o sistema de escrita onde os alunos inseriram a sua compreensão do texto, e sempre apresentando leituras (foto 2) que estimulem a consciência fonológica e evidencie de forma mais direta para a criança as relações existentes entre as unidades sonoras da palavra e sua forma de grafia.

O projeto “Reforço Escolar” incorporou a ideia defendida por Goodman (1967) e Smith (1971) de que ler e escrever são atividades comunicativas e que devem, portanto, ocorrer com textos reais onde o leitor ou escritor lança mão de seus conhecimentos da Língua por tratar-se de uma estrutura integrada, na qual os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos interagem para poder atribuir significado ao que está graficamente representado nos textos escritos. Na coleta de dados, foi observado que o tempo gasto para que o aluno aprendesse a fazer letra cursiva era muito grande, sendo que esse mesmo tempo poderia ser canalizado para que os professores pudessem ensinar a Língua de uma forma que os estudantes utilizassem desse tempo para superar

as dificuldades de leitura e escrita, pois, uma vez que a multiculturalidade, se tratando do Brasil, é um fator fundamental na escola, pois abrange nossas variações linguísticas, dialetais, sonoras e de escrita.

Para Albuquerque e Ferreira (2020), quando falamos em alfabetizar crianças no Brasil, podemos nos referir a variadas práticas de ensino da leitura e da escrita, desde àquelas vinculadas às suas várias formas: ao ensino de letras, fonemas, sílabas e palavras com base em textos cartilhados, como o que propõem diferentes métodos de alfabetização (métodos silábicos e fônicos, por exemplo), até a inserção nas práticas sociais de leitura e escrita.

As diferentes práticas de alfabetização relacionam-se à mudanças de naturezas didática e pedagógica no ensino da leitura e da escrita, decorrentes de diferentes aspectos - desenvolvimento científico em diferentes áreas, contexto socioeconômico e organização escolar.

Maria do Socorro Pessoa (2012), sugere uma proposta de ensino da Língua, cujo material didático inclua os mapas geográficos, históricos, temáticos e políticos da região onde o aluno reside, para que, sejam levados em conta, os mais diferentes estudantes e abraçar as mais diversas populações no que desrespeito à língua.

[...] a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2017, p. 357)

Considerando que a autora destaca que, se pararmos para enxergar nosso espaço geográfico e nossa população, seremos capazes de ler e escrever sobre eles, conhecer as maneiras particulares de cada um ser. Isso podemos ver nas diversas aulas de Geografia, que traz à tona toda essa diversidade, a relevância está expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Literatura como ferramenta pedagógica

O projeto “Reforço Escolar”, iniciou-se com a leitura e apresentação do que seria o projeto, seu tempo de duração e seus objetivos. A os alunos foi apresentado um

livro LEO E A BALEIA de Benji Davies e Marília Garcia (2014), editora Paz & Terra, com a geografia de praias, montanhas, coqueiros e paisagens que não faz parte geograficamente do cotidiano deles, eles não tinha como imaginar, interpretar a leitura, ter a sensação do mar, sentir a areia nos pés e esse tipo de leitura não foi nada proveitoso, não despertou interesse na turma, os alunos ficavam totalmente dispersos. Em contrapartida, quando foi apresentado o livro GUERRA NO PANTANAL de Antônio de Pádua e Silva (1993), Editora Atual, que traz a narrativa de animais como: capivaras, tuiuiús, siriemas, jacarés e o cenário do Pantanal, o interesse foi muito significativo e eles conseguiam imaginar a cena e interpretar diversas situações com a leitura. O interesse foi tão genuíno que eles quiseram levar livros para fazer suas leituras em casa.

Abramovich (1989) frisa a importância do momento de escutar histórias, porque é a partir daí que se principia a cultura de um leitor. Para a autora, ouvir histórias poderá incitar muitas emoções como a raiva, medo e bem estar essenciais na construção humana e literária e, pode difundir mais lugares a serem visitados e mais emoções a serem conhecidas por meio da fantasia.

Contar histórias não é só o momento de ler em voz alta, é mais que isso, é preciso uma cultura precedente sobre a contexto a ser lido, para que haja segurança no que for exposto, formando um clima que envolva e que encante as crianças, respeitando os tempos das falas e o imaginário das crianças, sem pressa de acabar logo a história.

Acerca de olhar as histórias, Abramovich (1989) diz como a ilustração é uma prosa visual por não ser individual, move muitas possibilidades sobre a fantasia da criança. E é tão bom experimentar e revelar tanta coisa que nos cerca tendo esta ferramenta tão excelente, tão denotadora de tudo: a ilustração que fala diretamente com a visão. Talvez seja um jeito de não construir obtusos mentais, uma vez que esse leitor consegue usar a sua imaginação para melhor compreender o mundo.

O conteúdo ministrado durante as aulas de reforço foi o conto Fita Verde no Cabelo que abarca uma relação de intertextualidade com o exemplar Chapeuzinho Vermelho. Exemplar sim, pois, é uma estória infantil, que é muito conhecida, e abrange uma fortuna de informações que o leitor vai contagiando-se conforme lê. Chapeuzinho Vermelho mostra os problemas que obteve pelo caminho através do lobo mau, em uma perspectiva e um olhar infantil.

Abramovich (1989) fala sobre os desenhos da literatura, como os livros infantis constroem os personagens com o esteticamente belo imposto pela sociedade, como, por exemplo, a bruxa e demais personagens são feios e até mesmo “deformados” causando repulsa.

Fita-verde é como Guimarães Rosa se refere à menina no suceder da narrativa, que mora em uma aldeia, onde é iminente notar uma certa analogia de seus habitantes com a vida que é levada por lá, já que todos realizam sua função com muito juízo, exceto a menina, que tem independência para fazer suas próprias escolhas.

Ideias e desenvolvimentos

Para Celso Ferrarezi (2007), deve-se pensar a gramática e logo após seu ensino em um método mais reflexivo e menos prescritivo. O modo como determinada língua é usada por seus falantes para fins de comunicação e, segundo, FRAGOSO (2003), esse tipo de exercício reforça uma tradição gramatical em averiguar as ocorrências linguísticas por meio de frases forjadas. Em face disso, desconsidera-se a concepção de Língua como um meio interativo, presente em textos reais, ou seja, produzida por falantes reais do idioma.

Ao discorrer sobre a concepção de língua, Ferrarezi Jr. (2007, p. 15-16) afirma que adota: “um sistema de representação do mundo e de seus eventos”, enfatiza que esse conceito permite, dentre outras vantagens, que ele [...] faça uma relação entre a língua e as peculiaridades pessoais e culturais dos falantes, pois cada forma de ver e representar o(s) mundo(s) é construída a partir do pensamento e da formação cultural de cada falante inserido na comunidade a que ele pertence. [...] A Língua, assim vista, só existe e só se realiza como estrutura em função de pessoas inseridas em culturas, pessoas que utilizam essa língua em suas representações cotidianas.

A presença dessas peculiaridades pessoais e culturais dos falantes foi e continua sendo um desafio para a escrita abordado no projeto “Reforço Escolar”, com a metodologia qualitativa que tem como base o observar e sentir, o aluno nunca era corrigido de forma repreensiva se falasse e escrevesse de maneira que não fosse a norma culta. A importância principal era a maneira como esse aluno estava se expressando, de mostrar o seu entendimento, e como ele iria se colocar nas atividades escritas proposta.

Com base nessas ideias de desenvolvimento, interação e com foco no rendimento escolar realizadas na escola e através de um mapeamento realizado pelos professores da unidade junto com a coordenação das turmas de 6º ao 8º ano, diagnosticou-se a necessidade de intervenção para sanar dificuldades apresentadas por alunos do ensino fundamental nas competências de leitura e escrita.

Para desenvolvimento das competências propomos a realização do projeto que desenvolvia as habilidades necessárias com enfoque nas dificuldades do grupo de estudantes.

A seguir, este estudo detalha os métodos e materiais utilizados em seu levantamento.

Materiais e métodos da pesquisa

A partir de uma pesquisa qualitativa, que é uma metodologia capaz de analisar dados e fatores que não tem como definir numericamente, ela é baseada em percepção, sentimentos, intenções, comportamento e com isso entender a problemática de um grupo de pessoas. Gatti e André (2011, p. 34) destacam quatro pontos importantes desta contribuição:

- 1) A incorporação, entre os pesquisadores em Educação, de posturas investigativas mais flexíveis e com maior adequação para estudos de processos micro-sócio-psicológicos e culturais, permitindo iluminar aspectos e processos que permaneciam ocultos pelos estudos qualitativos.
- 2) A constatação de que, para compreender e interpretar grande parte das questões e problemas da área de Educação, é preciso recorrer a enfoques Multi/Inter/transdisciplinares e a tratamentos multidimensionais.
- 3) A retomada do foco sobre os atores em educação, ou seja, os pesquisadores procuram retratar o ponto de vista dos sujeitos, os personagens envolvidos nos processos educativos.
- 4) A consciência de que a subjetividade intervém no processo de pesquisa e que é preciso tomar medidas para controlá-la

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a dificuldade que alguns professores encontram na hora de intermediar o ensino de Língua Portuguesa. Segundo Gatti e André:

- 1) Compreensão mais profunda dos processos de produção do fracasso escolar, um dos grandes problemas na Educação brasileira, que passa a ser estudado sob diversos ângulos e com múltiplos enfoques.
- 2) Compreensão de questões educacionais vinculadas a preconceitos

sociais e sociocognitivos de diversas naturezas. 3) Discussão sobre a diversidade e a equidade. 4) Destaque para a importância dos ambientes escolares e comunitários. (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 34).

O projeto: “Reforço Escolar” foi desenvolvido entre os meses de abril e dezembro de 2018 três vezes na semana (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira), com carga horária de 4h semanais. O foco era o interesse nas atividades propostas como: leitura que representava o cotidiano dos alunos, com inserção de autores da região centro-oeste, atenção, desenvolvimento do raciocínio interpretativo e escrita.

Todavia, serão demonstrados ainda os resultados de um projeto cujo embasamento teórico partiu do livro de Sintaxe para a educação básica Celso Ferrarezi Junior (2012) com sugestões de um melhor processo de ensino e de aprendizagem.

Para pesquisa foram utilizadas as principais bibliografias: Sintaxe para a educação básica, de Celso Ferrarezi Junior e A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil, de André e Bernadete Gatti.

O projeto – reforço da leitura e da escrita

Pensando em todos os métodos abordado como a análise sintática, que é o reconhecimento de palavras no nível da frase ou oração, não é algo totalmente previsível e objetivo, pois “[as línguas] criam exceções, mudam daqui para ali, se recusam a caber dentro de regras simples e sucintas” (FERRAREZI 2012). A nossa Língua por ser viva, abrange diversas variações e, para estudá-la e ensiná-la, torna-se necessário escolher o ponto de vista adequado, a metodologia adequada, e o principal de tudo que são escolhas do método pedagógico e qual Língua vou falar em sala de aula, para que o aluno se sinta acolhido, perca a vergonha de querer perguntar para sanar suas dúvidas, devido às várias dificuldades encontradas por jovens do ensino fundamental.

O objetivo era que o aluno compreendesse o seu potencial, criando condições que os levassem a aproximação do seu conhecimento, e sempre ao aplicar as atividades buscamos técnicas, procedimentos e formas para que houvesse uma equidade, as quais os alunos apresentam dificuldades e sempre os estimulando a solucionar suas dúvidas, sempre proporcionando um conhecimento amplo sobre o assunto estudado.

Essas crianças do 6º ao 8º ano, de uma Escola Estadual, periférica de Campo Grande - MS, participavam de aulas ministradas no contraturno, para sanar essa lacuna

do seu aprender da Língua Portuguesa, esse Projeto foi desenvolvido a fim de resgatar estudantes que apresentassem alguma defasagem de conteúdo, sendo leitura ou escrita, para que não mais se encontrassem em situação de desigualdade em relação aos outros alunos. Para Ferrarezi (2012, p.26):

É preciso compreender que a educação básica não é um curso avançado de Linguística. Deve haver bom-senso em relação a isso também. As crianças e juvenis que estão ali estudando precisam ter um conhecimento de base de sua língua que os permita reconhecer o valor de sua forma de falar, mas que permita a eles, também, fazer uso da forma padronizada da escrita que é exigida na sociedade. Isso não se consegue ensinando apenas as variações da fala. É preciso adentrar pela escrita e ver como ela se organiza. E é justamente aí que eu afirmo que o bom-senso deve imperar nos estudos sintáticos.

Analisando essa citação, ficou compreensível que o conhecimento linguístico se entrelaça com as realizações entre fala e escrita, e associadas à capacidade de estruturação do pensamento em frases compreensíveis, capazes de análises e interpretações. Alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, foram selecionados pela coordenação sendo esses alunos com mais dificuldades na escrita e leitura, ficaram nos horários de terça, quinta e sexta, turma 1, turma 2 e turma 3. Foi feita uma análise sobre as dificuldades desses alunos na primeira aula e eles foram separados de acordo com as suas complexidades nas devidas turmas e horários.

Esse artigo conta a experiência com os estudantes do ensino fundamental. Esses eram do 6º ao 8º ano que não sabiam ler e pouco identificavam as letras do alfabeto. Então, nesse sentido, foi preciso começar da base (alfabetização), reforço da ortografia e explanação das letras.

Segundo Renata Mousinho (2008, p.1), a comunicação humana em relação a dos animais são justamente suas características, aqui ela aponta três, o ato de simbolizar, que são convenções sociais de significados, e a mais importante de explicar aqui, a questão gramatical.

(...) a comunicação humana linguística é gramatical. Os seres humanos usam os símbolos linguísticos associados em estruturas padronizadas. A terceira é que, ao contrário das outras espécies animais, os seres humanos não têm um único sistema de comunicação utilizado por todos os membros da espécie. Portanto, diferentes grupos de humanos convencionaram, no decorrer da história, sistemas mútuos de comunicação. Isso significa que a criança, diferente das outras espécies

animais, deve aprender as convenções comunicativas usadas por aqueles a sua volta, pela sociedade da qual faz parte. (Renata al. Al, 2008)

A linguagem é um fator para qualquer tipo de desenvolvimento e aprendizagem. A Língua oral é uma base linguística necessária para que as competências de leitura e escrita se estabeleçam. Uma observação importante nesse projeto, quando a metodologia qualitativa estava sendo aplicada, foi de que crianças com desenvolvimento abaixo do esperado naquela série em que está cursando, apresentam uma assimilação insatisfatória em compreensão da linguagem e produção sintática.

Como a leitura e a escrita não eram uma realidade para esses alunos do 6º ao 8º ano, tivemos que buscar letras de brinquedos pedagógicos (figura 1) e sempre dialogando que apesar de ser um brinquedo, aquilo não era uma brincadeira e sim uma forma para assimilação da escrita.

Figura 1– Foto de alunos no projeto escrevendo no quadro depois de juntar as letras do brinquedo pedagógico.



Fonte:Autora (2018).

Durante os encontros, houve o desafio de estimular a leitura e escrita, tendo em vista que quase nenhum dos participantes demonstraram ou relataram possuir este hábito, foi oferecido letras para eles formarem frases, e canetão para que pudessem escrever no quadro, já que esses alunos tinham essa vontade de pegar na caneta do professor e escrever no quadro e conforme Rocha (2017, p.77):

Um dos grandes desafios da escola contemporânea é que todos aprendam a ler e a escrever, e mais: que aprendam a fazer uso adequado da leitura e da escrita em práticas sociais que envolvem essas atividades. O fato de uma pessoa ser alfabetizada não é socialmente suficiente, é preciso desenvolver habilidades e competências que vão além do conhecimento da mecânica da leitura e da escrita para a participação competente e efetiva nas mais diversas práticas sociais.

A cada começo de aula era lido algum livro infanto-juvenil, que, para (MENDES e VELOSA, 2018, p. 121) é de grande importância para as crianças, sendo assim, entendemos também que tais livros, por aliam texto e imagens por meio de processos intersemióticos de grande produtividade semântica, que estimulam um prazer dicotômico, que é o da leitura, e desenvolvem a sensibilidade artística dos mais jovens,

estabelecendo desde cedo uma ligação afetiva e um forte impacto emocional com o livro objeto artístico.

Outro fator importante a ser ressaltado é que todo método é feito em conjunto com as professoras regentes. Então, para estimular a leitura, há também um projeto em que os alunos levam alguns livros (figura 2) para casa e ficam uma semana com eles. Logo depois, contam as histórias para a professora. Na aula de reforço, são feitas perguntas sobre a história, fazendo-se assim, fixar a noção de leitura, ouvir e falar. Quando eles tinham que escrever suas percepções do livro, eles tinham a necessidade de mudar o final da história, e isso fazia com que o interesse pela escrita se tornasse uma necessidade do próprio aluno, então eles sempre buscavam aprender mais sobre a escrita para se expressarem ali da melhor maneira possível.

Figura 2 – Foto de livros que os alunos levavam para casa, para estímulo da leitura.



Fonte: Autora (2018)

Para que o aprendizado da Língua Portuguesa não se tornasse algo maçante, o reforço escolar sempre contou com atividades que promovessem o lúdico seguindo o ensino do plano de aula proposto. Segundo PIAGET (1973. p. 160), é importante refletir sobre a importância do brincar na infância, as brincadeiras não são apenas uma forma de entretenimento sem um fundo educativo para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual delas. Fazendo-se valer o

conceito de ler e escrever no nível essencial e separação silábica de FERRAREZI (2012).

Partindo desta experiência foi possível observar que, em meados de julho, os estudantes que pouco sabiam sobre letras e palavras já conseguiam escrever, ler soletrando, separar sílabas, aprender conceitos sobre livros infanto-juvenil, escrever corretamente as palavras e os sinais, iniciando assim a escrita de textos e redações.

O ensino da literatura tem discutido as diferentes possibilidades em relação às várias habilidades de comunicação entre as pessoas, principalmente quando: a) a fala não é adquirida na sua totalidade, b) a fala não é adquirida durante o desenvolvimento infantil, e c) a fala foi adquirida e desenvolvida para representar ideias, desejos, intenções nas diferentes complexidades, mas, por alguma interferência, a pessoa pode perdê-la ou tornar-se impossibilitada de utilizá-la com diferentes pessoas. (DELIBERATO, 2017, p.2)

A criança, de primeira instância, escuta a história lida pelo adulto, depois percebe o livro como um objeto que ela pode ver e tocar, tentando compreender as imagens, ampliando gradativamente sua compreensão até ter autonomia na leitura. Ela se une aos personagens da história, conseguindo viver os enredos e sentir-se no ambiente em que a narrativa acontece, ao mesmo tempo em que percebem que a literatura infantil acontece no mundo do faz de conta começando a manifestar seu senso crítico, despertando, nesse percurso, para uma aprendizagem mais prazerosa.

Outro importante aspecto a ser considerado é o que Carvalho enfatiza (2016): na sala de aula o professor deve levar em conta as especificidades apresentadas pelos alunos, considerando sua subjetividade e identificando quais as possibilidades e dificuldades de cada um. Nem sempre o que é fácil para um educando é para o outro.

Conhecer o seu público é muito importante, pois, assim, pode-se ter conhecimento de suas dificuldades e desenvolver um trabalho acerca dessas limitações, buscando descobrir qual é a melhor maneira de aprendizagem desse aluno. Mas a longo prazo, nossa iniciativa vem dando certo. Até o final do ano de 2018 esses educandos que se dispõem de tempo, concentração e esforço ficaram no mesmo nível que o cronograma escolar exige, da sua série. Vale ressaltar que todas as atividades propostas visavam a realidade de cada aluno participante do projeto. Segundo FREIRE (2011),

não há avanço se não levarmos em conta toda integridade do estudante. Nesse sentido, todo embasamento teórico caminhou lado a lado pensando na aprendizagem libertadora que a pedagogia pode proporcionar. Só acontece a mudança e a aprendizagem quando levado isso em conta.

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, p. 22-23, 1993):

Ferrarezi (2012, p. 164) afirma que a sintaxe de qualquer língua é sempre desafiante e complexa. Ao darmos atenção à Língua Portuguesa em si não vamos dar conta de todas as suas características, seja o professor ou o aluno. Deixemos claro aos alunos que esse estudo demanda paciência, concentração e muita atenção. Sempre em cada passo e em cada avanço dos discentes, reforçá-los com um estímulo positivo para saberem que estão no caminho certo, e que são capazes de lidar com coisas mais complexas da Língua Portuguesa.

Considerações

A experiência que se pode tirar disso é que, em se tratando de educação, infelizmente esta ainda é vista como mercadoria. Começar pelo material didático. (OLIVEIRA, 2009, p 8.):

Mais recentemente, esse grupo de instituições tem avançado sobre os sistemas públicos de educação básica, vendendo materiais apostilados para redes municipais e estaduais, tendo os mesmos avaliados no âmbito do programa nacional do livro didático (PNLD).

As salas de aula estão cada vez mais lotadas, sendo quase impossível trabalhar coisas complexas como a língua portuguesa. A criação deste projeto visa dar mais

equidade aos alunos para que estes não fiquem ainda mais afetados pela defasagem do ensino. Usando de uma metodologia que facilita esse processo.

Para (ALBUQUERQUE e FERREIRA 2020), diante das mudanças teóricas na área de alfabetização, decorrentes principalmente dos estudos sobre a psicogênese da língua escrita e sobre as práticas de letramento, a discussão acerca de como e quando alfabetizar nossos alunos têm se intensificado e revelam perspectivas diferenciadas no trabalho com a língua escrita na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Com a escola integral isso é ainda mais visível De acordo com as "Diretrizes das Escolas de Tempo Integral: tempo e qualidade", cuja elaboração ficou sob responsabilidade da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), órgão da Secretaria de Estado da Educação, a função social da escola é vista como a "alavanca de um processo que visa à formação de pessoas aptas a exercerem sua plena cidadania" Para alcançar esse objetivo, as diretrizes preveem a "ampliação do tempo físico com a intensidade das ações educacionais" (SÃO PAULO, 2006b, p. 14).

De acordo com Lunkes (2004, p. 6) pode-se observar que a escola de tempo integral "se localiza no extremo social oposto àquele de sua origem, tanto no que se refere à clientela como à mantenedora", que segundo CASTRO e LOPES (2011), uma vez que, antes as escolas de tempo integral eram particulares e visavam à educação das elites, sendo por elas mantidas e, agora, há, também, escolas de tempo integral que são públicas e visam à educação das classes populares. Nesse sentido, essas escolas buscam trazer uma oportunidade do estudante de ter algo no contraturno. Essa foi uma medida tomada a fim de sanar a dificuldade dessas crianças, que foram impactadas negativamente pelo ensino regular. Não é sempre que podemos tomar tais medidas, mas o que podemos fazer para tentar diminuir o impacto causado pela falta de subsídio do governo, temos que fazê-lo. A longo prazo, futuramente isso trará um impacto positivo. Não bastando apenas apontar o que deu errado, e sim criar meios e métodos para melhorar o ensino e aprendizagem daqueles que por algum motivo tem o seu próprio ritmo de aprendizagem.

Espera-se que a motivação dos professores de Língua Portuguesa continue fazendo parte do seu cotidiano, mesmo chegando numa sala de 6º ano e identificando os alunos que mal sabem ler e escrever, que eles encontrem forças e entusiasmo para enfrentar desafios diversos. Pode ser valioso e construtivo tentar desvendar e

compreender os motivos de tais dificuldades e, quem sabe, descobrir seu modo individual e coletivo de propor mudanças e lutar pelas coisas que nos incomodam e dificultam o trabalho da Língua Portuguesa desde a educação infantil.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, FANNY. LITERATURA INFANTIL: GOSTOSURA E BOBICES. EDIT. SCIPIONE 2º ED. SÃO PAULO 1991.

ALBUQUERQUE, ELIANA BORGES C. DE; FERREIRA, ANDREA TEREZA BRITO. ARTIGO - PRÁTICAS DE ENSINO DA LITERATURA E DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL NA FRANÇA E OS CONHECIMENTOS DAS CRIANÇAS SOBRE A ESCRITA ALFABÉTICA. EDUC. REV., BELO HORIZONTE, V. 36, E159401, 2020.

BRASIL. CURRÍCULO E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. BRASÍLIA: MEC/SEB, 2016. (COLEÇÃO LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, V.7).

BORDINI, MARIA DA GLÓRIA. A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS 80. IN: SERRA, ELIZABETH D'ÂNGELO (ORG). 30 ANOS DE LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: ALGUMAS LEITURAS. CAMPINAS – SÃO PAULO. MERCADO DE LETRAS: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1998.

BUENO, GABRIELA. O DESAFIO DE ENSINAR PORTUGUÊS, IN: REVISTA GIZ, 2012. DISPONÍVEL EM: [HTTP://REVISTAGIZ.SINPROSP.ORG.BR/?P=1964](http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=1964)
ACESSO EM: 01/08/2020

DELIBERATO, D. LINGUAGEM, INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO: COMPETÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NÃO ORALIZADA. IN: NUNES, L. R. O. P. SCHIRMER, C. R., ORGS. SALAS ABERTAS: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA NAS SALAS DE RECURSO MULTIFUNCIONAIS. RIO DE JANEIRO: EDUERJ, 2017, PP. 299-310. ISBN: 978- 85-7511-452-0.

FERRAREZI JUNIOR, CELSO. SINTAXE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: COM SUGESTÕES DIDÁTICAS, EXERCÍCIOS E RESPOSTAS. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2012

FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 2011.

GATTI, B. A; ANDRÉ, M. A RELEVÂNCIA DOS MÉTODOS DE PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL. IN: WELLER, W.; PFAFF, N. (ORGS.). METODOLOGIAS DA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA. 2. ED. PETRÓPOLIS: VOZES, 2011. P. 29-38.

GOODMAN, K. S. READING: A PSYCHOLINGUISTIC GUESSING GAME. JOURNAL OF THE READING SPECIALIST, 4, 1967, P.126-135.

LÜCK, HELOISA. METODOLOGIA DE PROJETOS: UMA FERRAMENTA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2003.

MOUSINHO, RENATA ET AL. AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: DIFICULDADES QUE PODEM SURGIR NESTE PERCURSO. **REV. PSICOPEDAG.**, SÃO PAULO, V. 25, N. 78, P. 297-306. ACESSOS EM 17 JAN. 2021.

OLIVEIRA, ROMUALDO PORTELA DE. A TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM MERCADORIA NO BRASIL. **EDUC. SOC.**, CAMPINAS, V. 30, N. 108, P. 739-760, OCT. 2009 ACCESS ON 17 JAN. 2021.

PIAGET, JEAN. TO UNDERSTAND IS TO INVENT: THE FUTURE OF EDUCATION. PENGUIN BOOKS, 1973.

ROCHA, F.M. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM AMBIENTE INFORMATIZADO. IN: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M. MASSENA, J.H., ORGS. EDUCAÇÃO BÁSICA PORTO ALEGRE: EDITORA DA UFRGS, 2017, PP. 75-94. ISBN 978-85-386-0472-3.

SAUL, ANA MARIA; SAUL, ALEXANDRE. CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DE UM PARADIGMA CONTRA-HEGEMÔNICO. **EDUC. REV.**, CURITIBA, N. 61, P. 19-36.